

# ESTADOS E ESTRUTURAS DE CONSCIÊNCIA

KEN WILBER

Excertos dos livros *Integral Buddhism* e *The Religion of Tomorrow*

Tradução e edição de Ari Raynsford ([www.ariraynsford.com.br](http://www.ariraynsford.com.br))

Revisão de Darcy Brega

## *De Integral Buddhism*

---

*Estados* de consciência são conhecidos pela humanidade há milhares de anos. Como experiências diretas, imediatas, de 1ª-pessoa, eles estão abertos à introspecção, meditação, busca da visão e a outros modos experienciais dirigidos. *Estruturas* de consciência, por outro lado, são padrões ou sistemas mentais implícitos, de 3ª-pessoa, através dos quais a mente vê e interpreta o mundo, inclusive os estados. Coisas como inteligências múltiplas são feitas de estruturas mentais. Coisas como vivências, experiências religiosas, sensações do dia a dia e estados meditativos são feitas, bem, de estados. E, como eu disse, já que os estados de consciência são experiências diretas, imediatas, de 1ª-pessoa, eles foram entendidos, ou pelo menos conhecidos, por milhares de anos; enquanto as estruturas, como padrões implícitos, subjacentes, de 3ª-pessoa, que não são normalmente vistas, mas investigadas, precisam ser deduzidas a partir de métodos experimentais; deste modo, não foram realmente conhecidas ou compreendidas até a era moderna, no máximo há cem anos. E, no entanto, ambos são absolutamente cruciais para se entender a mente, a consciência e o seu funcionamento, nas visões de mundo, espiritualidade, ciência.

## *De The Religion of Tomorrow*

---

### **ESTADOS E PONTOS DE VISTA**

#### **Estados de Consciência Naturais**

As grandes tradições contemplativas geralmente listam quatro ou cinco principais estados de consciência naturais, disponíveis a todos os humanos praticamente desde o nascimento. Diz-se que esses estados de consciência (ou "mentes" no sentido mais geral) surgem correlativamente com um substrato de "massa-energia" particular (ou "corpo" no sentido mais amplo). Esses cinco principais estados/domínios, encontrados explicitamente no Budismo, no Hinduísmo Vedanta, no Shivaísmo da Caxemira e em diversas escolas neoplatônicas ocidentais (e, implicitamente, em praticamente todas as escolas místicas do Oriente e do Ocidente) são:

1. O *estado de consciência de vigília* e seu correspondente corpo denso/físico (ou massa-energia física). Em geral, o mundo "objetivo", material, sensorio-motor da Forma e a simples consciência dele. (O corpo ou aspecto de "massa-energia" desse domínio é conhecido no Budismo como Nirmanakaya – o Corpo de Forma.)

2. O *estado de consciência de sonho* e seu correspondente corpo sutil (ou massa-energia sutil). As características desse "domínio sutil", embora vivenciadas todas as noites durante o sono, podem ser experienciadas no estado de vigília, incluindo sua libido ou bioenergia; suas capacidades mentais, imagens e sentimentos; e seus insights e intuições mentais superiores – o domínio geral da "mente" típica e a energia biológica sutil que a sustenta. (O corpo ou aspecto de "massa-energia" desse domínio é conhecido no Budismo como Sambhogakaya – o Corpo de Transformação sutil.)

3. O *estado de sono profundo sem sonhos* e seu correspondente corpo "causal" (ou "muito sutil"). Esta é a morada das primeiras formas de manifestação que emergem da Vacuidade informe ou nirguna Brahman (Realidade última além de todas as formas) e do corpo de massa-energia "causal" correlacionado a elas – formas que os gregos chamavam de "arquétipos" e que são armazenadas no Registro Akáshico que é encontrado em muitas tradições, ou na "consciência-depósito" do Sutra Lankavatara. Este estado, como veremos, é frequentemente combinado com o próximo estado, "turiya", ou a pura e vazia Consciência da Testemunha, ponto no qual este estado combinado, tratado como um, torna-se o lar do Eu Verdadeiro, da Face Original, da mais profunda Verdadeira Natureza (que está tecnicamente confinada no estado turiya propriamente dito) do indivíduo; e visto que o Eu Verdadeiro é radicalmente inqualificável, este é também o "lar" da Vacuidade, tomada como o Informe ou o Ilimitado radicais. (O aspecto do corpo causal deste domínio é chamado no Budismo de Dharmakaya – o Corpo Verdade/Vacuidade.)

É preciso ter cuidado ao nos depararmos com termos como "causal" ou "Dharmakaya", para determinar se estamos nos referindo ao sentido exato de "causal" (isto é, às primeiras e mais sutis formas de manifestação, que é a definição estreita, tecnicamente correta), ou se estamos unindo o causal ao estado superior de "Vacuidade/Verdade" (que resulta quando o causal "estrito" é combinado com o estado de Testemunha Vazia, ou turiya). Infelizmente, isto pode se tornar bem confuso, mas espero que o que acontece nessa situação fique suficientemente claro. (Ou seja, "causal" está sendo usado com o significado de "a mais elevada e mais sutil de todas as formas" OU com o significado de estado ainda mais elevado "sem forma alguma"? Ambos os usos são comuns. Vou tentar ser cuidadoso, esperando que o contexto ajude a esclarecer a que estamos nos referindo – à mais elevada de todas as formas ou ao totalmente informe.)

4. *Consciência Turiya* ("turiya"; significa literalmente "o quarto", como o quarto estado após os três primeiros já listados – denso, sutil e causal – que é exatamente de onde proveio seu nome). Esta é a pura Testemunha vazia ou a clara Consciência inqualificável, ela mesma sem um objeto, mas sempre presente, capaz de estar Consciente de todos os objetos (densos, sutis ou causais), junto com seu corpo ou massa-energia de sustentação. Esta é a pura Consciência derradeira que, em si, é Vazia, livre de pensamentos, objetos e coisas em qualquer domínio (denso, sutil e causal), mas capaz de Testemunhar todos eles com a mais pura equanimidade ou consciência de mente-espelho. É geralmente equiparada a Purusha (Eu

Verdadeiro) ou a Mahatman (Grande Eu) do Sutra do Nirvana e é o que Ramana Maharshi chamou de "Eu-eu", uma vez que é a Consciência da consciência, ou o grande Eu Observador (o primeiro "Eu") a testemunhar o eu-objeto pequeno e finito (o segundo "eu" ou "ego"); "Eu-eu", portanto, é igual a "Grande Eu-ego" – ou aquilo em você, agora, que está ciente de si mesmo, como veremos em grandes detalhes em breve. Uma vez que está livre de todos os objetos, pode integrar todos eles; daí por que seu corpo de sustentação, ou componente de massa-energia, é chamado no Budismo de Svabhavikakaya, o Corpo Integrativo. E finalmente:

5. *Consciência Turiyatita* ("além do quarto"). Às vezes, referimo-nos a ela, metaforicamente, como "consciência da unidade final". Especificamente, significa a união da Testemunha Vazia com TODOS os objetos testemunhados (densos, sutis e causais), a união da Vacuidade e de toda a Forma, o colapso do Eu Testemunhador, ou Verdadeiro Vidente, em tudo o que é visto, o resultado sendo um derradeiro estado cristalino, sem eu, não dual ("não dois") de pura Quiddidade, Talidade ou Essência do Ser, uma união de finito e infinito, sujeito e objeto, Vacuidade e Forma (ou Vacuidade e Luminosidade), ou alma e Deus na Divindade – ou Ayin ("Nada") e todas as Formas em Ayn Sof (ou "o Uno"). Assim, é pura consciência não dual, ou "unidade", a Identidade Suprema, o *summum bonum* de todo ser e existência, o degrau mais alto na escada da evolução (transcendência pura) e a madeira da qual a escada é feita (imanência), transcendendo e incluindo o universo inteiro. Seu corpo ou massa-energia de sustentação é conhecido por vários nomes, incluindo "Corpo Vajra", Corpo Indestrutível ou de Diamante (não dual atemporal). Esta é a Iluminação ou Despertar final, por qualquer padrão, oriental ou ocidental. (Embora um ponto de que iremos tratar cuidadosamente seja que, à medida que as estruturas de *Growing Up* (Crescimento) são adicionadas ao esquema em um relato Integral, a "totalidade" real deste estado final se torna cada vez mais completa, quanto mais elevada a estrutura de *Growing Up* que também for alcançada. Como todas as experiências e estados são interpretados por estruturas, quanto mais "holística" a estrutura que experiencia o estado turiyatita, mais "holístico" esse estado de Iluminação será. Voltarei a este ponto e o explicarei cuidadosamente à medida que prosseguirmos.)

Um último ponto técnico: nas descrições precedentes, referi-me, em cada nível, a "domínios" e "estados". "Domínios" referem-se à soma total das entidades fenomenológicas existentes em cada um desses mundos particulares (denso, sutil, causal, etc.), e "estados" referem-se à percepção, ou consciência, de qualquer um desses fenômenos específicos. Em certo sentido, os domínios são "ontológicos" e os estados são "epistemológicos", com o entendimento de que a Teoria Integral não considera domínios e estados como dimensões separadas, divorciadas, isoladas, sendo uma mais real e a outra fundamentada nela (o Idealismo privilegiando a epistemologia ou a mente e o Realismo privilegiando a ontologia ou o corpo). Ao contrário, as vê como duas dimensões de uma Totalidade subjacente. "Domínios" consistem em corpos reais, entidades reais, fenômenos reais com sua massa-energia concreta (embora a energia exista ao longo de um espectro que vai do denso ao sutil ao causal, da mesma forma que os próprios estados). Assim, as tradições têm uma maneira muito sofisticada de lidar com o problema mente/corpo – ou seja, toda mente tem seu corpo, ou todo estado de consciência (ou "mente") tem um domínio de massa-energia (ou "corpo") correspondente. É como um sinal de rádio. Se você está ouvindo uma estação de rádio e está sendo tocada uma música, na verdade existem dois itens aqui: você está ouvindo o programa de rádio real, seja uma música, um *talk show* ou qualquer outra coisa (a "informação" ou "mente" componente do programa), mas também há o próprio sinal de rádio que transmite o

programa para o seu receptor (a onda de radiação de massa-energia concreta, ou componente "corpo", que leva ou "sustenta" o conteúdo). De acordo com as tradições, cada estado mental ou consciente é semelhante a isso: tem um conteúdo, informação ou componente mental (como a música real que você está ouvindo), e esse conteúdo está sendo transmitido, ou sustentado, por uma onda de massa-energia particular (como o sinal de rádio que transmite a música), que é em um "domínio corporal" específico. (Se as tradições conhecessem a fisiologia do cérebro, provavelmente teriam identificado pelo menos algumas dessas ondas de massa-energia como ondas cerebrais "portadoras" de pensamentos, mas sem reduzir estados de consciência a estados cerebrais ou vice-versa – o que chamamos de "Quadrante Superior Esquerdo" e "Quadrante Superior Direito", respectivamente.)

Assim, para as tradições, "mentes" (ou "estados") e "corpos" (ou "domínios") sempre andam juntos, de modo que o que você realmente tem é o corpo-mente denso, o corpo-mente sutil, o corpo-mente causal e o derradeiro corpo-mente não dual. Também veremos que os "corpos ou domínios" são o que chamamos de Quadrante Superior Direito, dando-nos um espectro de energia: da energia densa à energia sutil, à energia causal, ao testemunhar, à energia não dual; e os estados ou invólucros (e estruturas) são o que chamamos de Quadrante Superior Esquerdo, dando-nos um espectro de consciência, um espectro de "mentes", "estados" ou "invólucros" não concretos: de – usando "estados" – vigília ao sonho, ao sono profundo, ao testemunhar, ao derradeiro estado não dual, ou – usando os "invólucros" do Vedanta e do Yogachara – do nível dos cinco sentidos ao nível da mente-pensamento (manovijnana), muitas vezes considerada como um sexto sentido, ao nível da mente existencial (manas), à consciência-depósito contaminada até a pura, Alaya-vijnana ou Mente de Sabedoria. (Novamente, tudo isso se tornará muito mais claro à medida que prosseguirmos.) O ponto simples é que o problema "mente/corpo" não é um problema real para o Budismo ou para qualquer uma das tradições não duais, porque cada mente tem seu corpo – duas dimensões entrelaçadas do mesmo evento completo, sem nenhum "problema" sobre como elas se ajustam (assim como não temos problema para entender como um sinal de rádio e seu conteúdo se ajustam).

### **Estados de Consciência Meditativos**

No nascimento, a Consciência ou Vigília começa amplamente identificada com o estado de vigília denso – ou seja, basicamente com o mundo físico. O objetivo da meditação é, finalmente, descobrir a Vacuidade pura, a Divindade vazia, Ayin, o Nada ou o Plenum/Vazio puro, o Eu Verdadeiro supremo e inqualificável, ou Grande Eu, ou Face Original, ou Natureza Verdadeira, ou Eu Único – qualquer que seja o nome – e assim deixar de se identificar com o ego pequeno, finito, mortal e limitado pela pele; e, em seguida, dar o passo seguinte para identificar a Testemunha vazia ou o Verdadeiro Vidente com todas as coisas testemunhadas e vistas, combinando a Vacuidade com Todas as Formas (densa, sutil ou causal) e, assim, encontrando o que os sufis chamam de nossa Identidade Suprema, o que os budistas chamam Quiddidade ou Talidade não dual, e o que os cristãos chamam de Cristo/Consciência Divina. Esta é a derradeira Condição de todas as condições, Natureza de todas as naturezas ou Espírito não dual que é radicalmente livre de identificação com cada coisa ou evento finito particular. Ou, visto de outro ângulo, é uno com absolutamente todas as coisas e eventos finitos, uno com os domínios manifesto e não manifesto, radicalmente Um

com o Todo, Um com a Essência de Ser. Não se identifica com nenhuma coisa, ou Nada, identifica-se com todas as coisas, ou Tudo, com o Todo. Nosso Eu Verdadeiro ou Real, sendo um com tudo, não tem literalmente nada fora dele que possamos querer ou desejar, nem nada fora dele com que possamos colidir. Assim, não há medo, nem ansiedade, nem angústia, nem outro. O universo objetivo completo é visto como surgindo dentro de você, de modo que tanto os objetos quanto os sujeitos desaparecem na Talidade pura, simples e não dual – a transcendência e união de sujeito e objeto, nirvana e samsara, Vacuidade e Forma, céu e terra, Divino e humano, exatamente aqui, exatamente agora. Como dizem os Upanishads: "onde quer que haja outro, há medo". Porém, quando somos um com o Todo, não há Outro (que não é senão uma textura de nosso próprio Eu Real e Quididade verdadeira), e assim somos liberados, iluminados, libertados de todo tormento, sofrimento, agonia e tortura e, em vez disso, Despertados para a Bondade, Verdade, Beleza e Realidade supremas: Não Nascidos e Imortais, Soltos e Ilimitados, intensamente Livres e loucamente Vivos, alegremente Um e felizmente Tudo, radiantemente Infinito e atemporalmente Eterno, radicalmente Aberto, Livre e Pleno – um estado conhecido variadamente como Iluminação, Despertar, moksha (liberação), metanoia (transformação), wu (transparência). Tal é a natureza de nosso Eu Verdadeiro quando somos intimamente um com o estado de ser derradeiro (ou seja, Talidade ou Quididade espiritual não dual – passando de turiya para turiyatita, do Eu Único ou Subjetividade Absoluta (como o Mestre Zen Shibayama chama) para a pura, radical, radiante, sempre presente Quididade não dual.

Entre nosso ponto de partida original, onde nossa Consciência ou Vigília está identificada exclusivamente com o estado de vigília denso e com o corpo físico denso, e nossa liberação final, onde nossa Vigília identifica-se com a pura Quididade Vazia ou Unidade não dual, existem aqueles quatro ou mais estados de consciência que acabamos de descrever, que estão menos do que totalmente Despertados. Cada um desses estados constitui uma identidade que é, por assim dizer, mais profunda, mais elevada e mais próxima da Identidade Suprema não dual definitiva, mas que não está ainda lá – embora, novamente, cada estado esteja um pouco mais perto dela. O objetivo da meditação é passar por todos esses estados por meio de Percepção, Consciência ou Vigília – transcendendo e incluindo todos eles – ou passando por cada um, primeiro identificando-se com ele em Vigília e, em seguida, transcendendo ou desidentificando-se, à medida que passamos para o próximo estado mais profundo ou mais elevado, até que tenhamos *transcendido* ou ultrapassado todos eles até o estado Não Dual final, e também termos *incluído* todos em nossa Consciência desperta. Portanto, transcendemos ou vamos além de todos eles – identificamo-nos com nada, absolutamente nada, ou pura Vacuidade; e incluímos ou nos identificamos com todos eles – somos nada e tudo, Vacuidade e Totalidade, Liberdade radical e Plenitude transbordante, zero e infinito. Nós "transcendemos e incluímos" tudo, e assim descobrimos nossa Quididade Real, una com o Espírito – a Identidade Suprema – que também é a Quididade do Kosmos<sup>1</sup> inteiro. Nós, de fato, voltamos para Casa.

---

<sup>1</sup> Wilber reinterpreta esta palavra em seu livro *Sexo, Ecologia, Espiritualidade* com a seguinte observação: "Os Pitagóricos introduziram a palavra *Kosmos* que, normalmente, traduzimos como 'cosmos'. Mas o significado original de *Kosmos* era a natureza de padrões ou de processos de todos os domínios da existência, da matéria para a matemática para o divino, e não simplesmente o universo físico, que é o significado usual das palavras 'cosmos' e 'universo' hoje... O *Kosmos* contém o cosmos (ou fisiosfera), bio (ou biosfera), noo (ou noosfera) e teo (teosfera ou domínio divino)..." (N. T.)

Todas as tradições meditativas maduras pelo mundo afora têm mapas importantes desses quatro ou cinco estados de consciência naturais (conforme refletidos e moldados pelas estruturas superficiais e características culturais da sociedade em que ocorrem). E, o mais importante, cada um desses *estados* naturais (que são, em suas características profundas, universais e, em muitos casos, ancorados diretamente em realidades biológicas universais – todos os humanos, por exemplo, ficam acordados, sonham e dormem profundamente) torna-se um importante *estágio* no desenvolvimento meditativo ou no processo de *Waking Up* (Despertar) – cada estado torna-se um "estágio de estado". (A mesma coisa acontece, claro, no processo de *Growing Up*, onde cada importante estrutura de desenvolvimento torna-se um estágio sequencial – um "estágio de estrutura" – no processo de crescimento e maturação do organismo humano, ou processo global de *Growing Up*.) ... O fato de muitos desses estados naturais serem dados biológicos (ancorados na biologia, mas *não* redutíveis a ela) provavelmente explique, em parte, por que os estágios de estado meditativos, encontrados em todos os grandes Caminhos de Liberação do mundo, apresentem tantas semelhanças. (No "retorno ao Espírito" da evolução, ou Refluxo, esses estados de consciência – vigília, sonho, sono profundo e assim por diante – coevoluíram e codesenvolveram-se com os estados cerebrais biomateriais e, portanto, ambos mostram semelhanças onde quer que apareçam. Não é para se ancorar a meditação na mera biologia, mas para ancorar a biologia no que chamamos de os *quatro quadrantes*,<sup>2</sup> com a meditação em outra de suas dimensões, todas correlacionadas, como veremos.)

### Visões e Pontos de Vista

Como também veremos, embora um estado de consciência (e seu domínio), tais como vigília, sonho, sono profundo ou não dual sempre presente, seja uma característica permanente da consciência humana, conforme começamos a meditar e a transitar por esses estados (como observado, referimo-nos a cada passo nesse processo como um estágio de estado, para distingui-lo de um estágio de estrutura), o senso de eu identifica-se, exclusiva e temporariamente, com o estágio de estado particular, uma identificação que produz uma visão específica do mundo à medida que o eu olha para o mundo, predominantemente, *por meio* desse estado particular – e, desse modo, verá um mundo denso, um mundo sutil, um mundo causal e assim por diante. Essas visões específicas, criadas pela identificação exclusiva com um determinado estado/domínio, são chamadas de *Pontos de Vista*, para distingui-las das *Visões* similarmente criadas ou geradas à medida que o senso de eu identifica-se exclusivamente com uma estrutura particular. Portanto, *estágios de estrutura* produzem *Visões* (arcaica, mágica, mítica, racional, etc.), e *estágios de estado* produzem *Pontos de Vista* (um Ponto de Vista denso, um Ponto de Vista sutil, um Ponto de Vista causal e assim por diante). A ideia geral é a mesma para cada um: quando o senso de eu se identifica exclusivamente com uma estrutura particular ou com um estado particular – o que chamo de

---

<sup>2</sup> Quadrante é um dos cinco componentes do Modelo Integral de Ken Wilber (os outros são nível, linha, estado e tipo). Tudo que existe apresenta, no mínimo, quatro aspectos: "interior", "exterior", "individual" e "coletivo". Da combinação desses aspectos, nascem os quatro quadrantes: "exterior-individual" ou "comportamental", "interior-individual" ou "intencional", "interior-coletivo" ou "cultural" e "exterior-coletivo" ou "social". Na figura dos quadrantes, os quadrantes exteriores (comportamental e social) ficam no Lado Direito e os quadrantes interiores (intencional e cultural) ficam no Lado Esquerdo. (N.T.)

*centro de gravidade dual* (uma vez que o eu está sempre identificado com *ambos*, uma estrutura e um estado) – o eu estará olhando para o mundo, predominante e fundamentalmente, através de, e como, essa estrutura particular e esse estado particular. Por fim, o eu chega a *turiyatita* – a não dualidade de *samsara* e *nirvana*, *Forma* e *Vazio*, *finito* e *Infinito*. Mas mesmo que a consciência não esteja mais exclusivamente identificada com qualquer um dos estados, os estados/domínios principais propriamente ditos ainda permanecerão e continuarão a existir – até mesmo *Budas* ficam acordados, sonham, dormem profundamente e, certamente, têm *Consciência não dual*. Acontece que sua identidade passou por todos esses estados e, portanto, está fundamentalmente livre deles e de suas identidades limitadas, parciais e fragmentadas.

### **Centro de Gravidade Dual**

Na Teoria Integral, há algo que chamamos de "centro de gravidade" do eu, que acabei de mencionar brevemente. Conforme observado, o eu tem pelo menos dois deles – seu "centro de gravidade de *estrutura*" e seu "centro de gravidade de *estado*". Seu centro de gravidade de *estrutura* é onde, no espectro geral de estruturas e seu crescimento, ou "estágios de estrutura" (arcaico, mágico, mágico-mítico, mítico, racional, pluralista, integral e superintegral, na versão que mais usamos), o eu, em média, está mais identificado em qualquer ponto de seu crescimento e desenvolvimento global em qualquer linha particular no *Growing Up*. Para o centro de gravidade de estrutura, geralmente nos concentramos na linha do eu, uma vez que ela indica a identidade mais geral do sentido do eu relativo ou convencional. E o eu também tem um centro de gravidade de *estado*, que é onde, no espectro dos principais estados e o seu crescimento através deles, ou "estágios de estado" (denso, sutil, causal, testemunha vazia, não dual final), o eu, em média, mais se identifica em um ponto dado no seu crescimento geral de estado no *Waking Up*. Portanto, no desenvolvimento de estrutura, o processo de *Growing Up*, o senso de eu de uma pessoa pode estar, principalmente, no nível mítico, enquanto no desenvolvimento de estado, no processo de *Waking Up*, a pessoa pode estar, principalmente, no sutil. O centro de gravidade dual de uma pessoa, então, seria indicado como (mítico, sutil). Ou, em outros exemplos, como (racional, causal) ou (integral, não dual) ou (mágico, denso), etc.

Acontece que esses dois centros de gravidade – estrutura e estado – são razoavelmente fáceis de reconhecer, uma vez que a pessoa se familiarize com eles, e existem vários testes que os indivíduos podem fazer para ajudar a determiná-los. Eles são simplesmente dois processos de crescimento em dois eixos muito importantes de desenvolvimento e evolução – estruturas e estados – com cada estágio tornando-se cada vez mais consciente, inclusivo e cuidadoso. ... A compreensão dessas duas escalas de crescimento explicará muito do que possa parecer intrigante em seu comportamento, assim como no de outras pessoas – na verdade, no do mundo em geral. Ora, uma coisa que essas escalas não são é uma maneira de etiquetar as pessoas – não são níveis de seres humanos, mas níveis de consciência abertos a todos os seres humanos vivos, e a partir dos quais praticamente qualquer pessoa pode operar, caso decida fazê-lo. Perceber que esses estágios estão abertos a todas as pessoas simplesmente nos ajuda, entre outras coisas, a nos entendermos e nos comunicarmos melhor, e a cuidarmos das pessoas. Por fim, compreender as enormes possibilidades positivas que se encontram nos estágios superiores de cada eixo, estrutura e estado, nos proporciona uma razão, uma

motivação, para continuar o processo de *GROW UP* e *WAKE UP*, dando assim um real sentido e propósito à vida. E todos estão alicerçados no estado mais elevado possível, a sempre presente e suprema Quiddidade ou Essência de Ser – como você é, exatamente como é, agora.

## *De Integral Buddhism*

---

### **Matriz Wilber-Combs**

Esta relação é normalmente chamada de Matriz Wilber-Combs, após eu e Allan Combs apresentarmos, independentemente, a mesma ideia essencial (ver figura 1). O eixo vertical desta figura representa o crescimento de estrutura (em qualquer inteligência múltipla). Estamos usando nosso padrão: arcaico, mágico, mítico, racional, pluralista, integral e superintegral. Transversalmente, no topo da figura, estão os principais estados de consciência considerados. Neste caso, quatro dos nossos cinco estados padrões – denso, sutil, causal e não dual (e abaixo deles estão os nomes de experiências de pico místicas desses estados – unidade com o domínio denso inteiro sendo o misticismo da natureza; unidade com uma Forma Divina sutil sendo o misticismo da divindade; unidade com o estado causal/testemunha informe sendo o misticismo informe; e unidade com o derradeiro domínio não dual sendo o misticismo não dual ou da unidade). E o ponto central fundamental sobre esta figura é que, como indicado, cada estado principal será interpretado (e, portanto, experienciado) a partir de uma estrutura básica (arcaica a superintegral). Dependendo do estágio de estrutura em que a pessoa esteja, ele afetará dramaticamente a natureza e experiência de cada um destes estados (como experiência de pico ou como estágio de estado particular em um caminho global de meditação). Retornaremos a este ponto quando dermos exemplos do Budismo em cada estrutura e como elas interpretam diferentemente seus próprios ensinamentos. Mas, primeiro, analisemos as evidências da existência destes cinco principais estados e seus estágios em todos os grandes sistemas contemplativos do mundo.

### **Estágios de Estado**

Ora, em vez de dar uma miríade de exemplos das semelhanças das características profundas das tradições meditativas do mundo, darei apenas três ou quatro exemplos, do Oriente, do Ocidente e da pós-modernidade.

Primeiramente, vejamos um resumo global bem simplificado do que está envolvido. Independente do centro de gravidade de estrutura que uma pessoa esteja quando começa a meditar (de mágico a integral), ela quase sempre começará de um centro de gravidade do estado denso de vigília. (O centro de gravidade de estrutura é, sem dúvida, importante, porque determinará amplamente como os diversos estágios de estados meditativos serão interpretados. Voltaremos a este ponto mais tarde.)



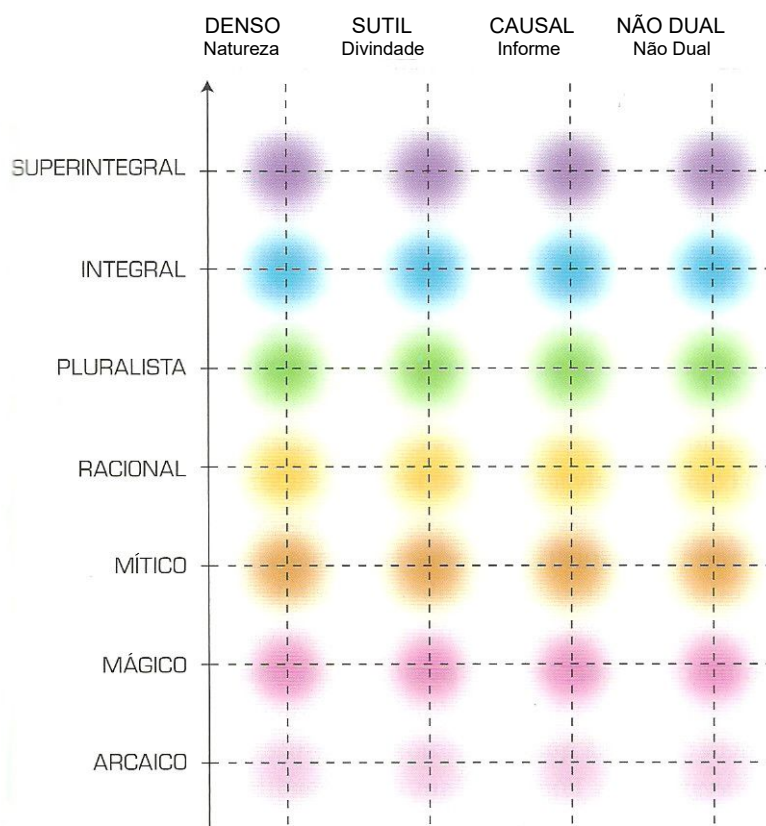


Figura 1. A Matriz Wilber-Combs.

Dito isto, no domínio denso de vigília, o indivíduo identifica-se com o corpo físico e com a mente reflexiva – a “mente de macaco”, intensa, caótica – o fluxo de pensamentos, sentimentos, emoções e sensações centrados no estado egoico, refletindo o domínio material e seus desejos. Em formas de meditação de atenção plena, instrui-se a pessoa a simplesmente testemunhar a série de acontecimentos, sem julgamento, condenação ou identificação. Depois de vários meses desta prática, a mente de macaco começa a acalmar-se, e a consciência abre-se para dimensões mais sutis da mente e do ser – talvez estados de generosidade amorosa, estados de luminosidade e radiância quase infinitas, períodos de quietude profundamente pacíficos e de tranquilidade mental, experiências de expansão além do ego para estados cada vez mais profundos de EU SOU (este estágio é, frequentemente, chamado de alma sutil; quanto à “alma”, os budistas devem perceber que, como o ego, ela é meramente uma realidade convencional, não uma realidade suprema; mas, neste estágio de estado, como acontece com o ego no estado denso, a alma tem uma realidade *convencionalmente* real, uma identidade exclusiva para a qual devemos, finalmente, morrer). À medida que a consciência meditativa aprofunda-se no estado causal/testemunha, aumentam os períodos de pura consciência livre; estados de identidade transpessoal ou Eu Verdadeiro, ou EU SOU infinito, ocorrem cada vez mais; amor universal, felicidade, bem-aventurança e alegria emergem; a identidade com o corpo-mente finito desaparece completamente, sendo substituída por qualquer coisa desde a Consciência de Cristo a Mente de Buda ou Ein Sof. E se a consciência aprofunda-se ainda mais, da testemunha causal para a unidade ou não dualidade última, o senso de dualidade sujeito-objeto – a sensação de uma testemunha ou observador

testemunhando fenômenos – esvanece completamente e, em vez de olhar para uma montanha, você é a montanha; em vez de sentir a Terra, você é a Terra; em vez de estar consciente de nuvens que flutuam no céu, as nuvens flutuam em *você*, em sua própria consciência. Como um mestre zen descreveu seu despertar: “Quando ouvi o som do sino tocando, não havia nenhum sino e nenhum eu, apenas o toque.” Quando este estado se torna mais ou menos permanente, o centro de gravidade de estado foi do denso para o sutil, para o causal/testemunha, até a quiddidade não dual – e você é a Identidade Suprema – um com o Espírito e um com o mundo manifesto inteiro (o que quer que seja o mundo para você – como veremos – muda e expande-se de estrutura para estrutura para estrutura).

Evelyn Underhill, em seu clássico livro *Misticismo*, assinala que praticamente todos os místicos ocidentais progrediram pelos mesmos quatro ou cinco principais estágios de estado, em seu caminho de realização permanente – e eles são, claro, variações dos padrões: denso, sutil, causal informe e unidade não dual. Mas, primeiro, devo ressaltar que o desenvolvimento de estado, diferentemente do desenvolvimento de estrutura, é muito mais solto e menos rígido. As estruturas são, bem, mais estruturadas – elas surgem em uma ordem que não pode ser mudada por condicionamento social; você não consegue pular estágios de estrutura; e você não consegue ter experiências de pico superiores a um estágio de estrutura (ao contrário dos estados). Por exemplo, alguém no estágio moral 1 não consegue ter uma experiência de pico de um pensamento do estágio moral 5. Mas alguém em um estado denso pode ter uma experiência de pico do estágio causal ou, até mesmo, do não dual. E a meditação de atenção plena faz com que você comece a identificar-se (ou pelo menos tente identificar-se) com a consciência da testemunha (embora continue sendo verdade que, na média, o centro de gravidade de estado de alguém mude, de forma permanente, estágio a estágio, uma vez que na identificação real, em contraste com as experiências de pico temporárias, estados mais elevados apoiem-se em identificações prévias com estados juniores; todavia, até mesmo esta não é uma regra inflexível).

Mas com isso em mente, os estágios de Underhill são: purificação densa – onde se trabalha a purgação e libertação da identidade com o corpo físico e pensamentos; iluminação sutil – onde se tem acesso a todas as dimensões mais sutis, luminosidades e emoções mais elevadas da alma; noite escura – onde se descobre uma nuvem causal, informe, do desconhecido, uma liberação do cativeiro finito (e, em geral, sofre-se terrivelmente quando esta vasta Liberdade é perdida, porque a realização ainda não é permanente); e finalmente uma consciência de unidade não dual, onde alma e Deus desaparecem na Mente de Deus definitiva. O processo inteiro é frequentemente iniciado com uma experiência de pico de despertar ou metanoia, um vislumbre que desvela o Paraíso da Realidade suprema e coloca a alma no Caminho dos estágios de estado e do Despertar. Em *Transformations of Consciousness*, incluímos um capítulo do teólogo de Harvard, John Chirban, que usou, como exemplos, os primeiros santos da igreja do deserto, mostrando que todos eles passaram por cerca de cinco estágios de estado, todos variações dos quatro ou cinco estágios básicos de Underhill (e todos variações dos estados denso, sutil, causal, testemunha e não dual).

Falando de *Transformations of Consciousness*, um dos meus importantes coautores, Daniel P. Brown, também de Harvard, passou os últimos trinta anos de sua vida estudando os sistemas de meditação do mundo, focando um dos sistemas mais sofisticados e completos já imaginados, o sistema *Mahamudra* do Budismo Tibetano. Trabalhando com quatorze textos fundamentais do Mahamudra, todos em seu idioma original, ele mostrou que cada um deles

passa pelos mesmos quatro ou cinco estágios essenciais de desenvolvimento (estágios que ele chamou de Pontos de Vista). Um Ponto de Vista é para um estado/domínio o que a Visão é para uma estrutura básica de degraus. Vejamos rapidamente o que isto significa e, em seguida, retornemos ao nosso tópico principal.

No desenvolvimento de estruturas, usamos uma metáfora: “escada, aquele que sobe, Visão”. A escada é o espectro de estruturas básicas de consciência ou os degraus básicos da escada. Após surgirem, elas se mantêm existentes. Darei exemplos delas daqui a pouco. Aquele que sobe é o sistema do eu. À medida que sobe os degraus básicos da existência, ele, temporária e exclusivamente, identifica-se com cada degrau por vez e vê o mundo com os olhos desse degrau. Em outras palavras, sua Visão do mundo é determinada por aquele degrau e suas características. Por exemplo, quando se identifica com a mente concreta, ele vê o mundo em termos mítico-literais concretos. Quando se identifica com a mente racional, ele vê o mundo em termos modernos, racionais, científicos ou objetivos. Quando se identifica com a visão-lógica sintetizadora, ele cria uma Visão Integral. E assim por diante. A seguir é apresentada uma lista resumida dos degraus ou estruturas básicas e suas Visões correspondentes (ou a forma como o mundo se parece quando uma estrutura torna-se um estágio de estrutura, ou quando aquele degrau particular da estrutura é identificado pelo eu e, deste modo, torna-se o centro de gravidade de estrutura do eu, através do qual vê e interpreta o mundo; as Visões são o que viemos chamando de arcaica, mágica, mítica, racional, pluralista, integral e superintegral). A figura 2 apresenta os degraus básicos correspondentes que sustentam estas Visões (e observe: os nomes das Visões, aqueles que temos usado – tais como mágica e pluralista ou pertencimento e autoestima – são simplesmente nomes tirados de algumas linhas de inteligências múltiplas; há, literalmente, dezenas de nomes diferentes que poderíamos usar para cada Visão; portanto, tenha em mente que esta é uma seleção muito resumida de possíveis termos para as Visões).

Ao longo do desenvolvimento dos estágios de estrutura, à medida que aquele que sobe passa de um estágio para o seguinte mais elevado, acontecem duas coisas importantes: primeira, o eu abandona ou perde a Visão do degrau inferior e a substitui pela Visão do próximo degrau. Obviamente, quando você sobe uma escada e, digamos, passa do degrau 3 para o 4, você não vê mais o mundo do degrau 3 – essa Visão desaparece; você passa a olhar o mundo do degrau 4. Mas, segunda coisa, o degrau 3 continua existindo – na verdade o degrau 4 sustenta-se sobre ele. Portanto, em cada desenvolvimento de estágio de estrutura, o degrau anterior permanece e é incluído, mas a Visão desse degrau é perdida, transcendida, negada, substituída pela Visão do degrau superior, uma vez que o eu se identifica exclusivamente com ela. Isto é o que significa dizer que o desenvolvimento transcende e inclui, ou nega e preserva (como colocado por Hegel: “substituir é ao mesmo tempo negar e preservar”, o que, geralmente, traduzimos por “transcender e incluir”. O que é preservado e incluído são os degraus estruturais básicos; o que é negado e transcendido são as Visões particulares. Cada vez que ocorre uma dessas importantes transformações, nós a chamamos de “fulcro” de desenvolvimento; doze de tais fulcros, correspondentes aos doze principais degraus estruturais, são apresentados na figura 2).

	<b>Degrau (estrutura)</b>	<b>Visão (estágio de estrutura)</b>	
<b>Fulcro 1</b>	mente sensório-motora	Arcaica	
<b>Fulcro 2</b>	mente instintiva ou impulsiva	Mágica; emocional-sexual	
<b>Fulcro 3</b>	mente conceitual ou intencional	Mágico-mítica; poder	
<b>Fulcro 4</b>	mente concreta	Mítica; conformista; tradicional; pertencimento	
<b>Fulcro 5</b>	mente racional	Racional; multiplista; moderna; autoestima	
<b>Fulcro 6</b>	mente pluralista	Pluralista; pós-moderna; planetária	
<b>Fulcro 7</b>	visão-lógica baixa e alta	Holística; sistêmica	
<b>Fulcro 8</b>			2 <sup>a</sup> camada ou mente sistêmica
<b>Fulcro 9</b>	3 <sup>a</sup> metamente ca- paramente ma- sobremente da supermente	super- integral	Transglobal
<b>Fulcro 10</b>			Visionária
<b>Fulcro 11</b>			Transcendente
<b>Fulcro 12</b>			Transcendente-Imanente; Não dual

Figura 2. Degraus estruturais básicos e suas Visões correlatas.

Ora, voltando aos estágios de estado, a mesma transcendência e inclusão ocorre com estados e seus domínios, com a visão ou Ponto de Vista desses domínios de estado, à medida que o eu central desenvolve-se através deles, sucessivamente identificando-se e desidentificando-se de sua identidade de estado exclusiva, de estágio de estado a estágio de estado (ou muda seu centro de gravidade de estágio de estado a estágio de estado). Domínios de estado são preservados e incluídos; Pontos de Vista são transcendidos e negados. À guisa de introdução desses estágios de estado sucessivos, Geshe Kelsang Gyatso apresenta os seguintes seis estágios da meditação mahamudra:

1. Identificação com nossa mente densa.
2. Realização direta de nossa mente densa.
3. Identificação com nossa mente sutil.
4. Realização direta de nossa mente sutil.
5. Identificação com nossa mente causal/não dual.
6. Realização direta de nossa mente causal/ não dual.

(Aqui, Gyatso usa o padrão de três domínios de estado – Nirmanakaya, Sambhogakaya e Dharmakaya – denso, sutil e muito sutil [o termo tibetano para “causal” é “muito sutil” – assim, em vez de “denso, sutil, causal”, é “denso, sutil, muito sutil”]; este resumo de três estados, implicitamente, colapsa o quarto estado, da testemunha, e o quinto estado, da mente vazia não dual; ambos são reconhecidos pelos tibetanos, mas eles geralmente os incluem no Dharmakaya ou muito sutil [ou “causal”], que eu resumi como causal/não dual. Isto é pura semântica. O ponto é que “denso, sutil, causal” são reconhecidos por esta Tradição.)

Dan Brown começa pelo estado denso de vigília, onde a pessoa média está exclusivamente identificada com o corpo físico, pensamentos e sentimentos densos. Após

várias preliminares e prática de meditação, ocorre a primeira mudança importante: do estágio de estado denso e seu Ponto de Vista para o estágio de estado sutil e seu Ponto de Vista. Aqui, não se está mais identificado exclusivamente com o corpo físico e pensamentos, ou com o domínio denso em geral (embora, como degrau básico, este importante domínio de estado continue existindo), mas o eu central identifica-se agora com o domínio sutil e seu Ponto de Vista, que não é mais o ego denso, mas o que Brown chama de personalidade sutil (o que os cristãos contemplativos chamam de “alma”). Brown denomina este estágio de “Consciência”, já que é o primeiro estágio livre de pensamentos e emoções vagos e densos, e está mais em contato com a Consciência pura. No próximo estágio de estado, o estágio de estado causal, a personalidade sutil, alma ou seu Ponto de Vista, é desmontada (embora o domínio sutil propriamente dito continue existindo), e o que permanece são as formas de manifestação muito mais sutis (ou “causais”) – a saber, espaço e tempo. Dan chama isto de “Consciência em si”. À medida que o desenvolvimento continua para o próximo estágio de estado, o da consciência da testemunha, cessa a identificação exclusiva com o causal e seu Ponto de Vista, e, ao invés, espaço e tempo são transcendidos para um puro e atemporal Agora – uma Consciência que foca o Presente cristalino. Brown o chama de “Consciência em si e por si”. É também neste ponto que surgem os três subníveis da não dualidade (reconhecimento da não dualidade após o surgimento de algo, enquanto ele surge, e antes de ele surgir; somente o último é a verdadeira Iluminação ou Despertar). Este é o derradeiro estágio principal de Brown – Consciência Desperta Não Dual, que dissolve a dualidade sujeito-objeto que, sutilmente, ainda existia na testemunha (e que Brown chama de “individualidade” – geralmente conhecida por Eu Verdadeiro ou Eu Real, uma “individualidade” que, finalmente, deve ser transcendida para a suprema unidade não dual ou Quididade), que vê o mundo como um Todo inconsútil (não sem traços característicos), ou Realidade não dual, onde a Consciência da pessoa é una com todos os fenômenos densos, sutis e causais, mas sem identificar-se exclusivamente com nenhum deles. Esses domínios continuam a existir e emergir, mas não há identidade ou apego exclusivos a nenhum deles. (Donde denso, sutil, causal, testemunha e não dual.)

Para dar um último exemplo, pós-moderno, temos o místico norte-americano Adi Da, que afirma: “Para realizar a Iluminação Divina Mais Perfeita, o ego deve ser transcendido em três fases distintas – a primeira, o nível físico denso (o nível de ‘dinheiro comida e sexo’); em seguida, o nível sutil (o nível de visões internas, audições e todos os tipos de experiência mística); e, finalmente, o nível causal (o nível-raiz da existência consciente, em que o senso de ‘eu’ e ‘outro’, ou a dicotomia sujeito-objeto, parece transformar-se na Consciência).” A quarta fase para Adi Da é a Realização da “Verdade Sempre Já”, a Meta sempre presente, Essência e Condição de toda a existência, alta ou baixa, sagrada ou profana, manifesta ou não manifesta – donde densa, sutil, causal, (testemunha radical implícita), não dual. xxx

Um esquema simples, que resume os cinco principais estados e estágios de estado, é apresentado na figura 3. Os estágios do Evelyn Underhill estão em itálico à esquerda do diagrama, representando o Ocidente; os estágios de outro sistema do Oriente – Tantra Yoga Mais Elevado – estão listados a “sudeste” do diagrama (começando pelos “cinco skandhas” ou cinco principais formas da consciência densa – forma material, imagem, símbolo, mente conceitual e eu egoico – e finaliza na “quase realização no escuro total”, ou “escuridão” causal, ou natureza do Abismo, que precede o Despertar não dual). Também são apresentados na figura os principais estágios de estado: denso, sutil, causal, turiya (que significa literalmente “o quarto”, como no quarto principal estado de consciência, o da testemunha), e,

finalmente, “turiyatita” (“além do quarto”) ou Consciência Desperta não dual. Cada um dos principais estágios de estado tem uma “noite escura” listada, que envolve, entre outras coisas, a morte da sensação do eu separado específico, associado a cada domínio de estado – desde o ego do denso, a alma do sutil, a testemunha do causal/testemunha, até a pura e inqualificável Consciência Desperta ou Quididade não dual. (A falha em diferenciar-se e desidentificar-se de um senso de eu particular resulta em uma fixação/apego a este eu; distanciar-se, dissociar-se e renegar o senso de eu particular resulta em uma anulação/alergia desse eu. Ambos são má-formações do desenvolvimento – navegações falhas no “transcender e incluir” – e constituem graves disfunções na evolução dos estados em geral.) A meta do caminho meditativo global é atingir o Despertar (ou Consciência como tal), transcender e incluir todos os domínios de estado, de forma a “apagar” ou “esquecer” as várias mudanças de estado (tais como sonho e sono profundo) e, ao invés, reconhecer uma “Consciência constante” ou Consciência sempre presente não dual, a união (e transcendência) do eu finito individual com o Espírito infinito.

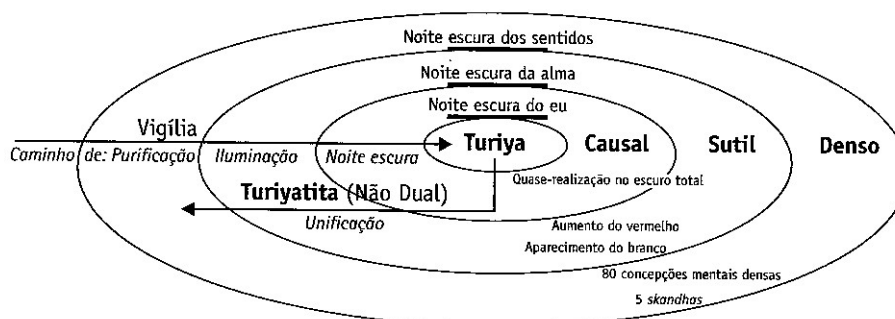


Figura 3. Principais estágios de estados meditativos.

Estas semelhanças universais estão provavelmente enraizadas nos, ou pelo menos correlacionadas aos, estados naturais de consciência que nascem com os cérebros de todos os organismos biológicos humanos – vigília densa, sonho sutil, sono informe profundo causal, mais a sempre presente consciência não dual, fonte e suporte de todos eles. Os pós-modernistas, que tentam negar todos os universais, têm dificuldade para explicar esses estados cerebrais universais. Tentar afirmar que os budistas construíram culturalmente os principais estados cerebrais, que são maciçamente diferentes dos estados cerebrais judeus, que são diferentes dos estados cerebrais hindus, não faz o menor sentido. Nossos cérebros biológicos e seus estados são similares em características profundas onde quer que existam humanos, daí por que estágios contemplativos e meditativos apresentam um caráter universal (novamente, em suas características profundas, já que suas características superficiais diferem de cultura para cultura e, normalmente, de indivíduo para indivíduo).

Em outras palavras, os estágios de meditação, como praticamente tudo, são uma questão de quatro quadrantes (os quatro quadrantes são quatro perspectivas fundamentais inerentes a qualquer situação). Incluem-se neles áreas com fatores biológicos, psicológicos, culturais e sociais – todas desempenhando um papel no surgimento e vivência das características superficiais desses estágios meditativos. É bem reconhecido que fatores culturais e sociais representam um papel importante no desdobramento da experiência humana. (Isto também é verdade para características universais transpessoais – elas são

interpretadas por estruturas em todos os quatro quadrantes. Assim, por exemplo, é comum achar na literatura mística ocidental inúmeras referências a seres de luz, geralmente com duas asas – isto é, anjos. Mas não existe uma única menção a um ser de luz com dez mil braços; e esta é uma visão incrivelmente comum no Tibete, representando o bodhisattva da compaixão, Avalokitesvara, de quem, por exemplo, atribui-se que o Dalai Lama seja uma encarnação. O ponto não é que estas figuras sejam construções meramente culturais – o estado de consciência sutil e o estado cerebral de onde ambas se originam são muito reais e encontrados universalmente; mas são interpretados por fatores que incluem modelagens culturais e sociais.)

O que é menos frequentemente – na verdade, raramente – compreendido é a importância de Visões e Pontos de Vista na determinação da experiência humana – como ela é vista e como é interpretada e experienciada. As Visões e Pontos de Vista são tão reais quanto fatores culturais e sociais.

Os estados e seus domínios, denso, sutil, causal/testemunha e não dual, determinam os tipos de fenômenos em geral que podem surgir para serem experienciados em primeiro lugar (ou “*o que*” surge – fenômenos densos, fenômenos sutis, fenômenos causais ou fenômenos não duais); e as estruturas e suas Visões determinam *como* estes fenômenos são vivenciados e interpretados. O mesmo fenômeno, visto por uma Visão diferente, resultará, na prática, em um fenômeno fundamentalmente distinto.

Por exemplo, digamos que uma pessoa esteja em um estado de sonho. Este é um subconjunto do domínio sutil; e o sutil é um domínio de intensa criatividade, completamente livre de restrições e limitações determinantes do domínio físico denso, de modo que uma pessoa pode sonhar com tudo, de um unicórnio até uma nova aplicação importante de uma tecnologia existente. Mas como esta pessoa interpreta o sonho dependerá em grande parte da sua Visão (ou nível de desenvolvimento do degraú estrutural). Digamos que a pessoa seja um cristão e tenha um sonho com um ser radiantemente brilhante de luz e amor. Ela, provavelmente, poderia vê-lo como sendo o próprio Jesus Cristo. Se a pessoa estiver na mente conceitual/intencional – a mente egocêntrica e impulsionada pelo poder – já que a Visão Mágico-mítica aqui é egocêntrica ou capaz de assumir apenas uma perspectiva de 1ª-pessoa, ela poderia se ver – e somente ela – como sendo, de fato, Jesus Cristo. Se subirmos um estágio – para a Visão Mítica tradicional, que consegue adotar uma perspectiva de 2ª-pessoa e, deste modo, expandir sua identidade do “eu” para o “nós”, e que crê em coisas como: a Bíblia é a palavra literal de Deus; os crentes verdadeiros são “o povo escolhido” (enquanto todos os outros arderão no inferno); os milagres da Bíblia são rigorosamente verdadeiros (desde a abertura do Mar Vermelho por Moisés, a Noé e sua arca que salvou todos os seres vivos, até Cristo que nasceu de uma virgem biológica) – esta pessoa poderia ver este ser de luz que é Jesus Cristo como o salvador de todos os crentes verdadeiros; Ele é o salvador dos povos escolhidos (enquanto todos aqueles que não o aceitam como seu salvador pessoal estão destinados ao inferno eterno). Na próxima Visão mais elevada – a Racional ou mente objetiva – o indivíduo consegue adotar uma atitude crítica, reflexiva, de 3ª-pessoa – investigando a Bíblia para verdades alegadas que faziam sentido dois mil anos atrás, mas hoje não mais (e.g., não comer carne de porco, não falar com mulheres menstruadas, e assim por diante). Quando Thomas Jefferson sentou-se nos degraus da Casa Branca e, com uma tesoura, começou a cortar todas as partes da Bíblia que considerava tolices míticas, ele estava expressando um ponto de vista racional. Uma pessoa neste estágio provavelmente vivenciaria esta figura de

Jesus, não como o filho único de Deus literalmente nascido de uma virgem biológica, mas como um renomado mestre mundial de grande amor e sabedoria, que ainda tem coisas importantes a dizer para o mundo moderno.

O mesmo fenômeno – um ser de luz radiante – e três interpretações e vivências do mesmo completamente diferentes, dependendo do estágio de estrutura ou Visão do sujeito. Agora, imagine a meditação alcançando um estágio particular de iluminação e insight – digamos, um estágio de estado sutil/luminoso. O domínio sutil e seu Ponto de Vista determinarão, em primeiro lugar, que tipos de fenômenos podem surgir – neste caso, luminosidade e conscientização da impermanência e ausência do ego – exatamente como o domínio sutil de sonho determinou o ser de luz e sentimentos de amor. Mas, prosseguindo, imagine a diferença na experiência e compreensão reais na meditação de um indivíduo com Visão Mágico-mítica (egocêntrico), um indivíduo com Visão Mítica literal (etnocêntrico) e um indivíduo com Visão Racional (mundicêntrica). Nesse ponto particular da meditação, a tradição mediadora foca este estágio de estado específico e o Ponto de Vista respectivo, que, em termos de características profundas, é essencialmente o mesmo para os três indivíduos – luminosidade e insight. Mas a textura real, a natureza exclusiva, a extensão, a interpretação detalhada e a perspectiva diferirão de muitas formas significativas para estes mesmos três indivíduos, dependendo, em grande parte, de sua Visão efetiva que, por sua vez, depende do estágio de estrutura e do degrau básico do centro de gravidade estrutural do indivíduo – vivenciar o estágio de meditação de uma perspectiva de 1ª-pessoa, de uma perspectiva de 2ª-pessoa e de uma perspectiva de 3ª-pessoa é muito diferente sob diversos aspectos. Como vimos, o Ponto de Vista é um dos importantes itens que determina *o que* nós vemos; e a Visão é um dos mais importantes itens de *como* nós vemos, a lente através da qual olhamos para esta e qualquer experiência – como a enquadramos, como a experienciamos, como a interpretamos, o significado que lhe damos.

O ponto é que as pessoas praticam a meditação a partir de degraus estruturais de desenvolvimento diferentes, com Visões diferentes – sem mencionar que todas as escolas do Budismo provêm de Visões diferentes; levar em conta tanto as estruturas quanto os estados resulta em inúmeros benefícios. Caso contrário, em diversas situações, se o professor tem, digamos, uma Visão Pluralista e interpreta cada estágio de meditação de uma Visão Pluralista, os indivíduos com Visões diferentes terão sua experiência de meditação interpretada de formas que, normalmente, fazem pouco sentido para eles. Geralmente, sua experiência de um estágio de estado meditativo particular será correta para o degrau estrutural específico em que esteja, mas o professor de meditação anunciará que ela está sendo incorretamente vista e entendida, quando, na verdade, ela pode estar sendo vivenciada de uma estrutura muito mais elevada que a do professor – digamos, de um estágio Integral ou Superintegral. Isto prejudicará seriamente o desenvolvimento espiritual do aluno e desvirtuará profundamente os mais elevados ensinamentos do Budismo. Tal fato acontece com mais frequência do que se imagina. (É particularmente comum a muitos professores orientais, que apresentam um estágio de estado altamente desenvolvido – causal ou não dual – mas um estágio de estrutura muito pouco desenvolvido, muitas vezes refletindo a Visão da estrutura Mítica da cultura de onde se originam. E quando interagem com seus alunos, a maioria proveniente de uma estrutura mais elevada que a da Visão Pluralista, os resultados são, em geral, seriamente confusos. No que se refere a estados, os conselhos dos professores são normalmente brilhantes; no que se refere à sua Visão estrutural, seus conselhos são, em geral, inoportunos, homofóbicos, xenofóbicos, patriarcais, machistas, altamente autoritários e rigidamente



hierárquicos. Enquanto não se considerar as estruturas e estados em conjunto, os discípulos serão colocados nessas situações totalmente desordenadas e seu desenvolvimento espiritual será, possivelmente, disfuncional.)

## ESTRUTURAS E VISÕES

Apresentamos alguns breves sumários dos estágios de estado de meditação e contemplação, ocidentais e orientais – denso, sutil, causal, testemunha, unidade não dual. Falta apresentar um rápido resumo dos degraus ou estruturas básicos e dos estágios de estrutura ou Visões de desenvolvimento, ressaltando, em especial, como eles impactam a religião ou a espiritualidade.

Primeiramente, uma breve observação sobre os dois importantes tipos de consciência espiritual disponíveis para os humanos – aquele baseado em estruturas (também conhecido como *inteligência espiritual*) e aquele baseado em estados (também conhecido como *experiência espiritual*). A experiência espiritual, ou estados de 1ª-pessoa, é o que já discutimos em termos de meditação e seus principais estágios de estado. Dissemos que eles são importantes porque é como DESPERTAMOS (*Wake Up*) – como temos experiência direta e imediata das dimensões divinas da realidade – seja o misticismo da natureza do domínio denso, o misticismo da divindade do domínio sutil, o misticismo informe do domínio causal ou o misticismo da unidade suprema do domínio não dual. Estas são experiências diretas e imediatas da Essência Divina do Ser, como aparecem nos vários estados/domínios – denso, sutil, causal e não dual.

Por outro lado, a inteligência espiritual é menos experiencial e mais orientada à intelectualidade ou à inteligência (na verdade, é uma das inteligências múltiplas). Foca os valores e significados da Vida Divina. De Paul Tillich a James Fowler, a inteligência espiritual trata de como nós respondemos a pergunta: “Qual é o interesse supremo para mim?”

Para alguém no degrau 1, arcaico, é alimento e sobrevivência. Para alguém no degrau 2, mágico, é sexo e prazer emocional. Para alguém no degrau 3, mágico-mítico, é poder e segurança. Para o degrau 4, mítico grupal, é amor e pertencimento conformista. Para o degrau 5, racional, é conquista e excelência. Para o degrau 6, pluralista, é sensibilidade e cuidado. Para os degraus 7 e 8, segunda camada, é abraço amoroso e inclusão. Para a terceira camada, é autotranscendência pura e unidade mística – trabalhar nível a nível em busca de crescente inteireza. E lembre-se: uma pessoa pode estar em quaisquer desses níveis ou estruturas, ao mesmo tempo que pode se encontrar em qualquer estado ou domínio – o centro de gravidade dual – o estágio de estrutura e o estágio de estado, ou Visão e Ponto de Vista.

Em outras palavras, a inteligência espiritual é uma das, talvez, mais de doze inteligências múltiplas que os humanos possuem. Estas incluem a inteligência cognitiva, inteligência emocional, inteligência moral, inteligência interpessoal, inteligência musical, inteligência estética, inteligência espiritual, inteligência intrapessoal, inteligência lógico-matemática e assim por diante. Embora cada uma dessas inteligências – ou *linhas* de desenvolvimento – seja bastante diferente das outras, todas desdobram-se pelos mesmos *níveis* básicos de desenvolvimento ou degraus estruturais apresentados na figura 1. Já que estes *níveis* de desenvolvimento (ou níveis de consciência) se aplicam igualmente a todas as variadas *linhas* de desenvolvimento, geralmente os representamos por cores em vez de nomes,

uma vez que um nome particular é, normalmente, muito limitante, enquanto uma dada cor pode ser aplicada a cada inteligência múltipla, sem favorecer nenhuma em particular.

Resumindo, cada uma destas inteligências múltiplas ou linhas de desenvolvimento é composta de estruturas de consciência e desdobra-se em estágios de estrutura, movendo-se pelos mesmos níveis básicos de desenvolvimento representados por cores, denominados “altitudes” de uma dada estrutura (“altitude” significa “grau de desenvolvimento”). Portanto, as diversas inteligências múltiplas ou linhas de desenvolvimento passam pelos mesmos níveis básicos de desenvolvimento indicados por uma altitude colorida.

Cada uma destas altitudes de níveis de desenvolvimento é, na Teoria Integral, um nível de consciência bastante semelhante à visão do Yogachara, isto é, a consciência em si não é uma coisa, processo ou fenômeno particular, mas a abertura ou clareira em que várias coisas, processos e fenômenos surgem ou se manifestam. Quanto mais elevado um nível de consciência, maior o número e tipos de fenômenos que podem acontecer nesse degrau, com o número aumentando mais e mais a cada nível crescente (maior consciência, maior amor, maior capacidade moral, maior criatividade, maior inclusão espiritual, maior expansão de valores, maior capacidade de inteligência emocional e assim por diante, todos empírica e cuidadosamente testados, e considerados verdadeiros).

Estes níveis básicos de desenvolvimento (e suas cores associadas) são apresentados nas figuras 4 e 5, junto com algumas das principais linhas de desenvolvimento (incluindo a linha cognitiva, valores, ordens de consciência, autoidentidade, visões de mundo, inteligência espiritual e necessidades). O diagrama esquemático de meditação foi incluído à direita da figura 5 para indicar que, praticamente, qualquer um dos seus estágios de estado pode ser vivenciado por quaisquer dos níveis estruturais em quaisquer das linhas. Ora, uma vez que a inteligência espiritual é uma das inteligências múltiplas ou linhas de desenvolvimento – e já que ela é diretamente relevante para o nosso tópico presente – eu examinarei os principais estágios da inteligência espiritual mais detalhadamente – da mesma forma como examinamos alguns dos principais estados meditativos da experiência espiritual; e os relacionarei ao trabalho pioneiro de Fowler, usando-os para dar uma indicação de algumas das características gerais de cada nível de desenvolvimento propriamente dito.

## **Inteligência Espiritual**

Apresentarei alguns detalhes das várias Visões de estágios de estrutura, particularmente em relação à linha de inteligência espiritual. A maior parte segue a monumental obra pioneira de James Fowler intitulada *Stages of Faith*. A humanidade sabe há centenas, até milhares, de anos, que a espiritualidade, ou orientação religiosa, depende de estados de consciência e de estágios de estado. Mas Fowler foi um dos primeiros a mostrar, com evidências e pesquisas substanciais, que a orientação espiritual de uma pessoa também depende de estágios de estrutura. Estes, claro, são variações dos níveis gerais de desenvolvimento – a cujas Visões chamamos de arcaica, mágica, mítica, racional, pluralista e integral. Suas investigações e domínios de dados reais relacionados especificamente ao desenvolvimento espiritual demonstram o pioneirismo dos seus esforços. ...

Visão *Mágica* ou estágio de estrutura magenta – Fowler chama “intuitivo-projetivo”. Foca-se em segurança, proteção, sobrevivência e feitiços mágicos, tanto para assegurar a

sobrevivência quanto para repelir espíritos maus. É bastante antropomórfica e supersticiosa. O pensamento fantasioso é comum (compara e confunde totalidades e partes; e iguala as totalidades às partes semelhantes, à base de preconceito – e.g., se uma pessoa negra é perigosa, todos os negros são perigosos). A imagem de um objeto não é claramente diferenciada do objeto real (e.g., enfie um alfinete em um boneco que representa uma pessoa e algo ruim acontecerá a ela). O culto aos antepassados é habitual e, em geral, gera orações petítórias. Contos e lendas são fontes usuais de ligação comunitária. O degrau básico da Visão Mágica (impulsiva, fantasiosa, emocional-sexual) está limitado a uma perspectiva de 1ª-pessoa, de forma que o indivíduo está mais preocupado com sua própria salvação do que com a de outros.

Visão *Mágico-mítica* ou estágio de estrutura vermelho – Fowler chama “mítico-literar”. A diferença entre as posturas mágica e mítica está na localização da fonte de “poder milagroso”. Na mágica, está no eu – eu danço uma dança de chuva e a natureza obedece chovendo. Na mítica, o eu rende-se à ilusão de que consegue intervir milagrosamente na natureza e na história, modificando-as; mas se não posso mais fazer milagres, Deus pode (ou a Deusa, ou algum outro ser sobrenatural). Este estágio mágico-mítico marca a transição de um eu previamente onipotente e mágico para um Deus ou deuses onipotentes e mágicos (eles mesmos míticos; donde mágico-mítico) – um estágio que a Dinâmica da Espiral chama “Deuses do Poder”. Existe uma ênfase concomitante em crenças e milagres. Eu não posso fazê-los, mas Deus pode, e se eu, ritualisticamente, abordar Deus de uma forma que o agrade, Ele (ou Ela) fará um milagre para mim. As narrativas míticas começam a se desenvolver e acreditamos que concatenações mágicas nos colocarão em uma relação direta com a Divindade, que, muito provavelmente, intervirá na natureza e na história a nosso favor. O degrau básico que sustenta esta Visão – a mente conceitual, representacional, vital – ainda é amplamente limitado por uma perspectiva de 1ª-pessoa; o poder narcisista é uma preocupação importante (tanto para si mesmo quanto para a Divindade – daí “Deuses do Poder”). Deus é poderoso, colérico, vingativo. Além disso, supersticioso, egocêntrico e animistamente inspirado.

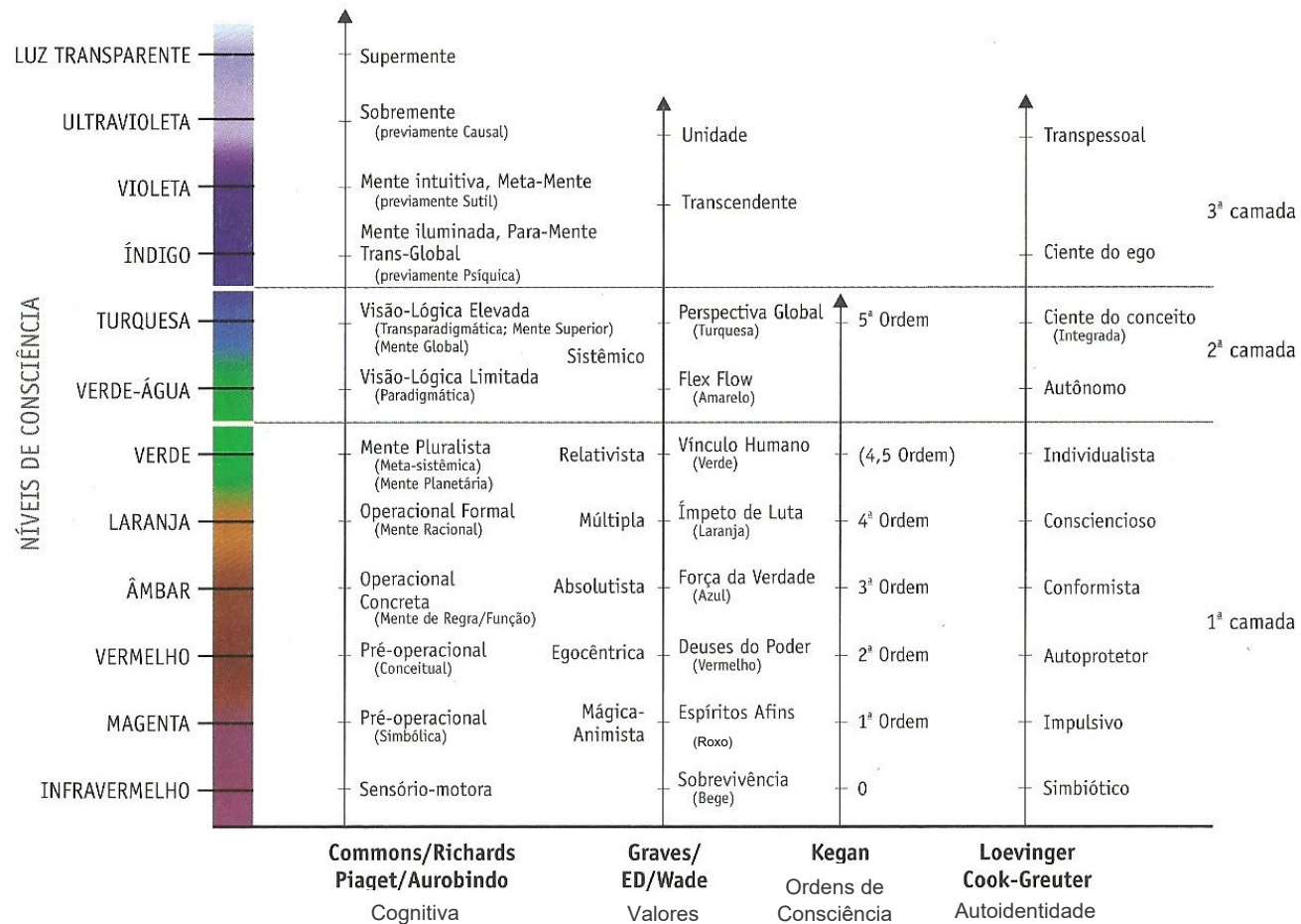


Figura 4. Algumas linhas de desenvolvimento importantes.

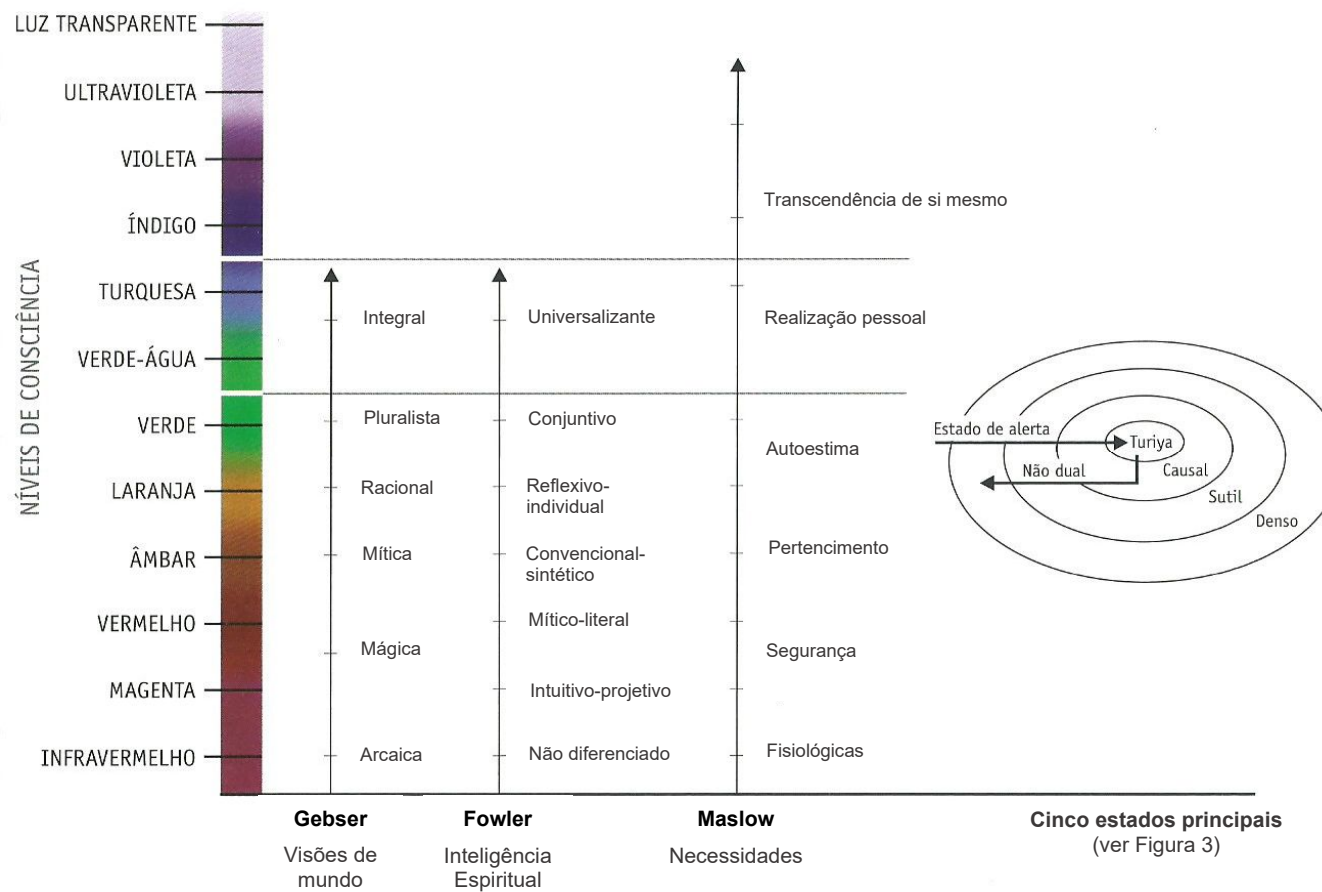


Figura 5. Linhas de desenvolvimento e estados de consciência.

Visão *Mítica* ou estágio de estrutura âmbar – Fowler chama “convencional-sintético”; “convencional” porque o degrau estrutural básico pode assumir o papel do outro – consegue adotar uma perspectiva de 2ª-pessoa – e, conseqüentemente, a Visão passa de egocêntrica para etnocêntrica, e a identidade expande-se do eu individual para o grupo – o clã, a tribo, a religião, a comunidade, a nação. Da mesma forma, a moralidade muda de egocêntrica para fortemente conformista – “meu país, certo ou errado; minha religião, certa ou errada; meu grupo, certo ou errado”. Sólidas fronteiras são traçadas entre “Nós” e “Eles”, e, em termos religiosos, meu grupo é o “povo escolhido” de Deus. Minha vida é dedicada à jihad, qualquer que seja seu nome, ou ao desejo de converter ou matar o incrédulo. Matar infiéis não é pecado; é uma promoção, uma elevação religiosa. Há um forte desejo de entender a verdade de Deus que, geralmente, está contida em um único livro (a Bíblia, o Alcorão, o Sutra da Terra Pura, o Livro Vermelho de Mao), que é uma narrativa normalmente considerada como verdade absoluta e literal (Elias realmente subiu ao Céu, ainda vivo, em uma carruagem; Deus realmente fez chover gafanhotos sobre os egípcios e matou todos os recém-nascidos masculinos; Lao Tsé nasceu de fato com novecentos anos, e assim por diante). Aqueles que creem na palavra de Deus estão destinados ao Céu, aqueles que não acreditam, ao fogo do Inferno pela eternidade. A mente operacional concreta, ou mente regra/papel, que sustenta esta Visão, torna tanto as regras quanto os papéis muito importantes, devendo ser rigidamente seguidos. Romper com as regras ou violar os papéis pode levar à condenação a penas eternas (se este estágio for institucionalizado, à excomunhão). Hierarquias sociais rígidas e hierarquias religiosas são comuns, tais como o sistema de castas ou a Igreja. Para aqueles que pertencem ao grupo escolhido, amor e compaixão são recomendados, já que são todos filhos eleitos de Deus. Para aqueles fora do grupo, conversão, tortura ou assassinato são algumas opções. Para crentes mais moderados, caridade e boas ações são comuns, já que a crença implícita é que os beneficiados são, no mínimo, potenciais convertidos ao grupo escolhido.

Visão *Racional-moderna* ou estágio de estrutura laranja – Fowler chama “reflexivo-individual”; “reflexivo” porque o degrau básico operacional formal adiciona uma perspectiva de 3ª-pessoa, de onde um indivíduo consegue ter uma visão mais reflexiva, objetiva, crítica, até mesmo cética, de suas experiências e crenças. “Racional”, como denominação genérica desta Visão, não significa insensível, abstrato, distanciado, viciosamente analítico, etc. Ao contrário, quer dizer que ele consegue entender mundos condicionais – “e se” e “como se” – e, deste modo, começa a questionar não só a verdade literal das crenças religiosas míticas, mas também a interpretá-la com significados mais simbólicos e metafóricos. As convicções tendem a ser baseadas em evidências e racionalidade universal. Todos os indivíduos são tratados com justiça, não importando raça, cor, sexo ou credo. Em termos de inteligência espiritual, um ateu, um agnóstico e um crente religioso podem estar no nível Racional, desde que cheguem a suas conclusões por lógica, evidências e considerações reflexivas, inclusive a conclusão perfeitamente lógica de que a lógica não é necessariamente a única forma de conhecimento e que outros modos mais intuitivos merecem consideração igual. Novamente, quando Thomas Jefferson se sentou nos degraus da Casa Branca e diligentemente recortou sua Bíblia em pedaços com uma tesoura, ele estava mantendo versículos que passaram por estes testes e rejeitando os outros. Quando o Bispo Shelby Spong fez essencialmente a mesma coisa com sua Bíblia, ele estava sujeitando suas crenças religiosas àquelas baseadas menos em mitos infantis e mais na razão e evidências; e, mesmo assim, saindo do outro lado como um forte e devotado crente dos fundamentos da fé cristã, como vistos pelas Visões Racional e Pluralista. O Budismo, desde o começo, apresentou, no mínimo, uma Visão Racional, baseada

não em dogmas, autoridade ou mera fé – e contendo poucos (ou nenhum) deuses e deusas mitológicos – mas baseada, sim, diretamente na experiência e razão próprias (embora nem todos os seguidores estejam à altura desses níveis, como veremos).

Visão *Pluralista-pós-moderna* ou estágio de estrutura verde – Fowler chama “conjuntivo”. Sustentado pelo degrau estrutural da mente pluralista, dedica-se a assumir tantas perspectivas quanto possíveis (um esforço que alcança uma fruição real no próximo estágio, o holístico-integral). Combinado ao fato de estar apenas a um passo do holismo genuíno da segunda camada, esta Visão está profundamente interessada em inteireza, reconciliação e não marginalização. Não existe apenas uma admissão passiva de outras religiões, mas, frequentemente, um abraço ativo. Esta Visão não só aceita outras Visões, mas geralmente busca, de fato, entendê-las e incorporá-las em sua própria visão de mundo. (Em última instância, esta abordagem é dificultada pelo fato de ainda pertencer à primeira camada e, assim, crer que esta posição pluralista seja a única verdadeira, o que, na verdade, é uma contradição que o pós-modernismo nunca conseguiu resolver adequadamente, acreditando que sua visão seja superior em um mundo onde nada, supostamente, é superior.) Mas com este ponto de vista “quase Integral”, ou se preferir, “meio Integral”, a Visão Pluralista vislumbra verdades importantes em todas as religiões, ainda que se sinta mais confortável em sua própria, e, frequentemente, busca incorporar aspectos de outras religiões à sua. Ela desconstrói hierarquias tradicionais; grita alto pelos oprimidos e desvalidos; tem uma forte sensibilidade planetária e ambiental; é particularmente aberta ao misticismo da natureza e ao espírito em 3ª-pessoa como a Grande Teia da Vida e a História do Universo. É socialmente engajada, apoia ativamente os direitos das minorias e defende a sustentabilidade em todos os caminhos da vida. Esta é uma Visão relativamente nova, com sua estrutura sustentada pela mente pluralista, tendo evoluído significativamente somente com as revoluções estudantis dos anos 1960, impulsionadas amplamente por este estágio. Uma pessoa neste nível de inteligência espiritual pode ser teísta, não teísta, ateu, agnóstica ou uma estranha combinação disso tudo, já que todas são conclusões alcançadas por esta altitude de desenvolvimento.

Uma de suas características mais notáveis é a negação e condenação de qualquer forma de hierarquia. Neste aspecto, falha em distinguir entre hierarquias dominadoras (que são realmente repugnantes) e hierarquias de realização ou crescimento (que são a forma da maior parte dos processos de crescimento da natureza, inclusive humanos). Nas hierarquias dominadoras, a cada nível mais elevado, poucos dominam e oprimem a maioria. Nas hierarquias de crescimento, cada nível mais elevado é mais inclusivo (e.g., uma hierarquia de crescimento central na natureza é a de átomos para moléculas para células para organismos; nesta hierarquia, cada nível mais alto inclui e envolve literalmente o júnior, não o oprime: moléculas não oprimem átomos; elas os amam e os abraçam). A evidência mais comumente usada para condenar todas as hierarquias é o livro de Carol Gilligan, *Em Uma Voz Diferente*, onde ela mostra que homens e mulheres pensam de forma diferente – homens enfatizam direitos, justiça, autonomia e hierarquia, e mulheres pensam mais em termos de relação, cuidado, comunhão e não hierarquia. As feministas assumem que, já que a maior parte da podridão no mundo é patriarcal; já que as hierarquias dominadoras são ruins; e já que todos os homens pensam hierarquicamente, então todas as hierarquias são ruins.

Mas Gilligan ressalta um segundo ponto em seu livro, um ponto cuidadosamente omitido por outros: embora homens pensem hierarquicamente e mulheres, não

hierarquicamente, tanto homens como mulheres desenvolvem-se pelos mesmos quatro estágios hierárquicos. Nas mulheres, Gilligan chamou estes estágios de: egoísta (egocêntrico), cuidado (onde a preocupação expande-se do eu para o grupo, ou etnocêntrico), cuidado universal (todas as pessoas, ou mundicêntrico), integrado (onde homens e mulheres integram o modo contrassexual). Em outras palavras, o pensamento não hierárquico das mulheres desenvolve-se por quatro estágios hierárquicos, isto é, uma hierarquia de crescimento. Ao negar todas as hierarquias, as feministas negam o crescimento das mulheres. Uma postura infeliz, para dizer o mínimo.

Mas é isto que a Visão pluralista faz – nega todas as hierarquias, ou as achata, por assim dizer. E, deste modo, ao heroicamente desconstruir todas as hierarquias dominadoras, o pós-modernismo desconstrói e destrói também todas as hierarquias de crescimento, uma catástrofe cultural e espiritual. A negação de todas as hierarquias ou classificações é um dos mais evidentes indicadores de que você está lidando com o nível pluralista de desenvolvimento.

O próximo estágio – o *Integral* (altitudes verde-água e turquesa) – que Fowler chama “universalizante” – coloca-nos na ponta de lança da evolução atual, pelo menos no que se refere a estruturas. Embora hoje consigamos reconhecer raros pioneiros Integrais que viveram mil anos atrás, ou mais, a segunda camada só alcançou cerca de 1% da população nos anos 1970 e cerca de 5% na virada do milênio. Onde quer que apareça, existe um ímpeto concomitante para descobrir padrões que conectam, as uniões sob as variedades, a totalidade que acompanha cada parcialidade, a unidade ao longo da diversidade. A emergência Integral – hoje em torno de 5%, mas, espera-se, logo atingindo 10% – é um ponto de mutação monumental na evolução, cujo impacto não pode simplesmente ser subestimado.

Lembremos algumas das características dos degraus dos estágios Integrais 7 e 8, sustentados pela visão-lógica baixa e alta (ou verde-água e turquesa), que reconhecem totalidades, conexões e unidade na diversidade. Antes de mais nada e acima de tudo, diferentemente de cada Visão da primeira camada, que acredita que suas verdades e valores são os únicos existentes, a segunda camada percebe contribuições importantes feitas por todos os estágios, degraus e Visões prévios. No mínimo, cada nível júnior torna-se um componente ou sub-hólon do nível sênior posterior, com cada estágio de evolução transcendendo e incluindo seu predecessor. Um próton inteiro torna-se parte de um átomo; um átomo inteiro torna-se parte de uma molécula; uma molécula inteira torna-se parte de uma célula; uma célula inteira torna-se parte de um organismo. Cada estágio é um todo/parte, ou hólon, e a hierarquia nidiforme resultante é uma holarquia de crescimento. Os estágios Integrais intuem isto e, deste modo, veem a importância de cada estágio de desenvolvimento precedente, não só nos humanos, mas no Kosmos como um todo, retornando até o Big Bang. A Visão Integral se vê intrinsecamente entrelaçada com o universo inteiro – este é um Kosmos interconectado, inconsútil, vital, vivo, criativo e consciente, e o impulso evolucionário para totalidades cada vez mais elevadas é a mesma força que produziu os mamíferos a partir do pó e o nível Integral a partir do Arcaico, uma pulsão fundamental e intrínseca do Kosmos que Whitehead chamou “o avanço criativo para o novo” (e a Teoria Integral chama “Eros”). Os níveis integrais são criativos e altamente conscientes; cada momento é novo, fresco, espontâneo e vivo. É o primeiro estágio a integrar conhecimento e sentimento, consciência e ser, epistemologia e ontologia, e não os separa e depois tenta “moê-los”; ao contrário, os vê e sente como aspectos complementares da Totalidade inconsútil da realidade, operando não por



reflexão ou representação desincorporadas, mas por ressonância mútua incorporada em todos os quatro quadrantes.

Portanto, diferentemente da Visão Pluralista prévia, a Visão Integral é verdadeiramente holística, não em um sentido New Age, mas como evidência de um Kosmos consciente profundamente entrelaçado e interconectado. A Visão Pluralista, nós vimos, quer ser holística, inclusiva e não marginalizante, mas abomina a Visão Racional moderna, não consegue absolutamente tolerar a Visão Mítica tradicional, fica apoplética quando encara uma Visão verdadeiramente Integral. Mas os estágios Integrais são verdadeira e genuinamente inclusivos. Primeiro, todos os degraus estruturais prévios estão literalmente incluídos como componentes do degrau estrutural Integral, ou visão-lógica, um fato que é intuído neste estágio. Visões, claro, são negadas, e alguém que tenha uma Visão Integral não inclui diretamente uma Visão Mágica, uma Visão Mítica, uma Visão Racional, e assim por diante. Por definição, isto é impossível. Uma Visão é gerada quando o eu central identifica-se *exclusivamente* com um degrau particular de desenvolvimento. Alguém em uma Visão Racional está exclusivamente identificado com o correspondente degrau daquele estágio, isto é, o operacional formal. Para ter acesso direto a, digamos, uma Visão Mágica – que significa a Visão de mundo de quem está *exclusivamente identificado* com o degrau emocional-sexual ou impulsivo – o indivíduo terá de desistir da Racionalidade, desistir da mente concreta, desistir da mente representacional, desistir da linguagem propriamente dita e regressar completamente para a mente impulsiva (algo que não acontecerá sem grave dano cerebral). A pessoa Racional ainda tem acesso total ao *degrau* emocional-sexual, mas não à *Visão* exclusiva de tal degrau. Como vimos, degraus são incluídos, Visões são negadas. (Exatamente como em uma escada real – se estiver, digamos, no sétimo degrau da escada, todos os seis degraus prévios ainda estarão presentes e existentes, mas enquanto se mantiver no sétimo degrau, você não conseguirá ver como o mundo se apresenta daqueles degraus antigos – eles foram superados quando você subiu para degraus mais altos; assim, neste momento, você tem todos os degraus, mas só a Visão do mais elevado, neste caso, a Visão do sétimo.) Desse modo, uma pessoa no degrau Integral, não tem acesso imediato, em sua própria constituição, a Visões antigas (arcaica, mágica, mítica, e assim por diante), mas tem acesso a todos os degraus correspondentes (sensório-motor, emocional-sexual, conceitual, regra/papel, etc.); assim, geralmente pode intuir em que degrau o centro de gravidade particular de uma pessoa está e, indiretamente, entender que Visão a pessoa está expressando (mágica, mítica, racional, pluralista, e assim por diante). E o que se entende por “incluir todas as visões de mundo” é que os níveis Integrais aceitam e dão espaço, ativamente, para essas Visões em seu próprio alcance holístico. Você pode não concordar completamente com elas, (elas não fazem parte da sua composição, tendo transcendido e negado Visões juniores), mas, intuitivamente, entende o significado e importância de todas as Visões no desdobramento do desenvolvimento evolucionário. Adicionalmente, você compreende que uma pessoa tem o direito de parar de crescer em praticamente qualquer Visão, e, deste modo, cada Visão particular se tornará, para algumas pessoas, uma estação real da Vida, e seus valores, necessidades e motivações serão expressões dessa Visão específica. E uma sociedade verdadeiramente iluminada e inclusiva abrirá espaço para valores tradicionais, valores modernos, valores pós-modernos, e assim por diante. Todo mundo nasce na estaca zero e começa seu desenvolvimento a partir de Visões do degrau mais baixo, continuando daí, de forma que toda sociedade consistirá em uma mistura diferente de porcentagens de pessoas em degraus de altitude e Visões diferentes do espectro global. (Na maioria dos países ocidentais, por exemplo – e isto varia dependendo de como é

medido – mais ou menos 10% da população está no Mágico, 40% no Mítico tradicional, 40-50% no Racional moderno, 20% no Pluralista pós-moderno, 5% no Holístico/Integral, e menos de 1% no Superintegral [esta conta excede os 100% porque ocorrem sobreposições].)

Somente uma Visão Integral compreende a inclusividade, significando que, à medida que a evolução continua a se mover em níveis Integrais, a sociedade estabiliza-se para, talvez, a transformação mais momentosa de toda a sua história – uma sociedade genuinamente *inclusiva*. E anteriormente não existiu nada assim porque nunca ocorreu uma grande transformação de *camada* antes. Todas as transformações prévias foram transformações de estágio. Mas a transformação do estágio Pluralista verde para o estágio verde-água/turquesa Integral é, além de uma transformação de estágio, simultaneamente, uma transformação da primeira camada para a segunda camada – e isto, *isto*, é épico, revolucionário e totalmente sem precedente. Nós ainda não temos nenhum exemplo de como construir uma sociedade radicalmente inclusiva, com todos os degraus e todas as Visões, onde seja dada voz a todas elas, talvez com pesos diferentes, porém uma voz em que cada estágio de desenvolvimento se transforme em uma estação de boas-vindas para a Vida.

No que se refere à espiritualidade e inteligência espiritual, uma inteligência espiritual Integral não significa que todas as religiões serão fundidas em uma única religião universal (da mesma forma que cozinha internacional não significa que todos os pratos são italianos). Significa, porém, que os indivíduos nos estágios Integrais de inteligência espiritual demandarão versões Integrais de sua própria fé. Existem vários modelos integrais diferentes – os estágios de desenvolvimento, lembre-se, não são marcados por seus conteúdos específicos, mas pelo grau de complexidade de pensamento e pelo grau de consciência disponível (ou o número de perspectivas inerentes àquele nível – arcaico a mágico-mítico são perspectivas de 1ª-pessoa; mítico adiciona uma perspectiva de 2ª-pessoa; racional adiciona 3ª-pessoa; pluralista, 4ª-pessoa; holístico e Integral, 5ª e 6ª-pessoas; superintegral, 7ª-pessoa e além) – e o ponto é que, no âmbito desses graus de complexidade e consciência, muitos modelos diferentes são possíveis. Mas todos eles, se verdadeiramente integrais, desejarão incluir os essenciais dos outros, e, portanto, tenderão a convergir. É isto que o Modelo Integral AQAL tenta fazer; usando este modelo como uma estrutura, praticamente qualquer Espiritualidade Integral – seja cristã, budista, muçulmana, hindu, judaica e assim por diante – provavelmente incluirá vários elementos encontrados em suas próprias tradições ou, se necessário, os importará de outras tradições e disciplinas humanas, inclusive das ciências.

---